

O EXEMPLO DE UM CENTRO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO GEOGRÁFICAS

Nos começos da década de 60, quando o Conselho da Europa solicitou aos países membros que alargassem as possibilidades da aquisição e elaboração de informações actualizadas necessárias ao ensino da Geografia, várias instituições, algumas criadas de novo, procuraram corresponder às recomendações feitas. Apresentaremos aqui o caso do IDG, sigla do *Informatie- en Documentatie- Centrum voor Geografie van Nederland* ⁽¹⁾, logo criado em 1964, em Utreque, com a finalidade de preparar e fornecer boas informações geográficas sobre a Holanda, em particular a pessoas e instituições estrangeiras nelas interessadas. Em opúsculo de 31 páginas, *Towards an authentic geographical image of the Netherlands* (1979), se resumem as actividades do Centro, juntamente com uma lista das suas publicações.

Destas são de destacar uma *Pequena Geografia da Holanda* (1970; e 3.ª edição revista em 1979), um *Mapa de parede da Holanda*, a cores, e um *Pequeno Atlas fotográfico da Holanda* (1977), que se complementam, destinados ao ensino secundário e também para utilização dos professores das classes avançadas do ensino básico. Foram feitas edições em holandês, francês, inglês, alemão, dinamarquês, italiano, português, espanhol, russo, polaco, japonês, indonésio e árabe (excepto nesta língua para o *Mapa*, e em russo para o *Pequeno Atlas*).

Na *Pequena Geografia da Holanda*, 43 p., das quais cerca de metade corresponde a mapas e gráficos, depois de um prefácio e uma introdução (dados históricos, forma de governo, situação, regiões e população), as matérias estão apresentadas sob vários títulos. Entre p. 6 e 17, vêm os da Holanda Alta e Baixa (*grosso modo*, indicações sobre a geologia e a topografia), a recuperação do solo (mais propriamente a conquista do solo ao mar, em tempos históricos e no século actual), os *polders* (técnicas de drenagem e aspectos da organização e gestão do uso das águas), os trabalhos do Zuiderzee (sua história, utilização dos solos, e consequências), os trabalhos do delta (a cheia de 1 de Fevereiro de 1953, o chamado Plano Delta, a sua execução e consequências) e o controlo

⁽¹⁾ *Information and Documentation Centre for the Geography of the Netherlands/Centre d'Information et de Documentation pour la Géographie des Pays-Bas* — Heidelberglaan 2, P. O. Box 80115, 3508 TC Utrecht.

das águas (generalidades, a canalização do Reno, a qualidade da água, e o abastecimento de água potável).

«Se a Holanda deixasse de ser protegida pelas dunas e pelos diques, a parte mais densamente povoada do país seria inundada (na maior parte pelo mar, mas também pelos rios). Essa parte do país, que em geral não se encontra a mais de 1 m do nível do mar, constitui mais de metade da superfície total» (p. 6). Seguem-se, em p. 18-23, informações sobre a demografia, a distribuição da população e a conurbação holandesa: um dos países mais povoados da Europa, com cerca de 411 hab/km² e em que o tempo médio de vida passou de 37 anos de idade, em 1850, para 75 actualmente; 2,6 milhões em 1803, quando se realizou o primeiro recenseamento, já eram 13,9 milhões em 1978; quase metade dessa população concentrava-se nas três províncias ocidentais, onde a de Zuid-Holland, com 1064 hab/km², era a de densidade mais elevada do país; os movimentos migratórios e as suas modalidades; os processos de urbanização e suburbanização; o *Randstad Holland*, onde o governo, as indústrias e os serviços não estão concentrados num único centro urbano, mas dispersos por várias cidades, particularmente em Amsterdão, Roterdão e Utreque; problemas de superpovoamento, de congestionamento da circulação e de redução dos espaços verdes; o desenvolvimento futuro. A economia, os recursos agrícolas, a extracção mineira, a indústria, o comércio e o tráfico ocupam as páginas 24-35: o carácter internacional da economia holandesa, a população activa e as possibilidades de trabalho, as diferenças regionais; a utilização do solo (70% da superfície do país corresponde a terras de cultivo, quase 2/3 destinam-se a pastagens) e distribuição regional das formas de utilização (cereais, batata e beterraba; produtos hortícolas e flores; pecuária); a extracção mineira (carvão de pedra), o aproveitamento do gás natural e outros recursos (petróleo, em quantidades muito limitadas; sal; materiais de construção); a história da indústria até 1900 e no século XX — atribuindo-se o índice 100 a 1938, em 1977 ele atingia o valor de 635, quando 38% do rendimento nacional provinha da indústria e 84% do total das exportações de produtos fabricados; a localização dos estabelecimentos industriais e o seu significado regional, com exemplos das áreas de Roterdão, de Amesterdão e do Limburgo meridional; o comércio internacional e os transportes; a aviação; a política governamental. Amesterdão e Roterdão, as duas maiores cidades holandesas, elementos principais da Conurbação, com importantes zonas portuárias e industriais, mereceram nota especial nas p. 36-37.

«Num país tão densamente povoado como a Holanda torna-se evidente a necessidade de planejar e executar cuidadosamente os planos do futuro ordenamento espacial» (p. 38), é a frase que abre as duas notas sobre o ordenamento espacial: nota histórica, formas de organização e níveis administrativos do Plano, da intervenção dos cidadãos e das instituições, as objecções ao planeamento; alguns documentos sobre a Conurbação e sobre as regiões nacionais. O volume termina com uma referência ao ambiente natural (p. 42-43, texto e mapa). «A proble-

mática da poluição toma na Holanda aspectos particulares, estreitamente condicionados pela geografia do país» — a poluição da água e a poluição do ar; medidas legais para combater a poluição; aspectos internacionais.

De 1977 é o *Pequeno Atlas fotográfico da Holanda*, com 40 páginas de fotografias de diversos tipos acompanhadas por fragmentos de mapas e plantas, tendo ainda curtos textos que chamam a atenção do leitor para os aspectos mais interessantes de observar naqueles documentos gráficos, muitos dos quais a cores. O plano segue de perto o do trabalho anterior.

O *Mapa de parede*, na escala de 1:325 000, a cores, e com elaboração pouco complicada, oferece o recorte do litoral e o traçado da fronteira terrestre, os limites das províncias e a localização dos principais centros urbanos (com mais e com menos de 50 000 habitantes), os traçados dos rios e canais (marcadas as comportas) mais importantes, de linhas férreas e rodovias de maior movimento, de diques, represas e barragens. Também assinala as áreas industriais, as de águas salgadas (ainda não recuperadas ao mar) e de águas doces (em recuperação), tem referências às formas de utilização dos solos (terras de lavoura, terras de horticultura e estufas, pastagens, etc.) e às extensões com dunas, bosques e charnecas. Em dois cartões, na escala de 1:500 000, num deles está a distribuição de grandes áreas altimétricas do país, e no outro a representação de áreas com mais de 200 hab/km², na Holanda e em países vizinhos do Noroeste da Europa.

Não acabam aqui as publicações do IDG, pois ainda recebemos o volume de 1980/81 do *Boletim (IDG Bulletin)* anual, editado em holandês, alemão, francês, inglês e espanhol: 56 p., 18 figs., 11 estampas, 15 quadros e mapa de junção das folhas da carta topográfica na escala de 1:50 000. Compõem o número as seguintes partes: a região dos rios (p. 7-33); estatísticas (p. 34-40); os transportes, os trabalhos hidráulicos, o ordenamento do território (p. 41-46), a que se acrescentam itinerários de excursões e referências sobre direcções de museus, de arquivos e de serviços públicos de interesse; o relatório das actividades do IDG durante 1980 e o primeiro semestre de 1981 (p. 50-51); bibliografia e mapa de junção das folhas das cartas topográficas em várias escalas. Enquanto nos números anteriores do *Boletim* havia um artigo de fundo que tratava de um tema geral sobre a Holanda (paisagem, a indústria, a agricultura, a água, o ordenamento do território), para o de 1980/81 preferiu-se a apresentação de regiões holandesas menos conhecidas no estrangeiro. Por isso abre agora com notas sobre a região dos grandes rios — o Reno inferior, o Waal (seu afluente) e o Mosa — entre as cidades de Roterdão/Dordrecht ao ocidente e de Arnhem/Nimegue a oriente, e os problemas que se opõem à organização do espaço rural, à navegação, aos transportes terrestres e ao planeamento territorial.

Por ocasião do XXIVº Congresso Internacional de Geografia, realizado no Japão, em 1980, o IDG organizou uma exposição sobre a «Holanda ± água» e o seu director apresentou uma interessante comu-

nicação intitulada «Geography textbooks and international understanding», chamando a atenção para o facto de ainda serem vulgares as inexactidões da informação geográfica em monografias de muitos países. Ora os centros nacionais de informação e documentação geográficas já existentes poderão desempenhar um papel importante na actualização dos dados, sendo de esperar que outros centros venham a ser criados, com objectivos semelhantes.

Um guia do lago *Ijssel/Zuyder Zee*, em holandês, francês, inglês e alemão, 72 p., 40 figs., 29 estampas e vários quadros estatísticos, já teve 3.^a edição revista em 1981. Longe de exaustivo, consegue ser um documento excelente, com informações actualizadas e fáceis de utilizar por quem visite a área do Zuyderzee. Aí se encontram, em dez capítulos da Secção geral, notas sobre as origens do Zuyderzee, os planos e a execução dos trabalhos, o seu significado para a Holanda, os *polders* (de Wieringermeer, do Nordeste, de Flevoland leste e sul, e de Markerwaard). Nos itinerários de excursões indicam-se os trajectos mais importantes e outros de maior pormenor. Em apêndices o leitor encontrará notícias sobre os achados arqueológicos, estatísticas, explicações sobre a toponímia, condições de deslocações e de acomodações, bibliografia seleccionada e uma carta de junção das folhas topográficas do país em escalas de 1:25 000, 1:50 000 e 1:10 000.

O IDG presta assim um valiosíssimo serviço, não só pelo cuidado em aproximar da realidade as imagens geográficas da Holanda, mas também pelo exemplo de boa qualidade da produção de informações e documentos geográficos, em moldes que poderão ser seguidos por outros países. Ao seu director, Dr. HENK MEIJER, grande impulsionador das actividades de que as publicações ora referidas (muitas delas editadas com a colaboração do Ministério das Relações Exteriores) dão um bom testemunho, também se devem, juntamente com outras personagens, o movimento da «Conferência Permanente dos Representantes de Associações de Professores de Geografia» e a preparação do seu boletim, o *Eurogeo*, sobre os quais já escrevemos uma Nota para ser publicada em *Finisterra*. É de desejar que, no futuro, as edições em língua portuguesa possam receber um melhor tratamento da expressão escrita, de modo a evitarem-se a dureza, que em muitos casos parece ter resultado da tradução literal de um texto escrito noutra língua, e o emprego de palavras menos adequadas para a transmissão de ideias ou definições correntes.